

## O BAIXO LEBLON COMO UM CENÁRIO DA NOITE CARIOCA (1976-1979)

**Leonardo José Iorio**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro  
[leonardo.iorio@yahoo.com.br](mailto:leonardo.iorio@yahoo.com.br)

**Marcos Paulo Ferreira de Góis**

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro  
[marcospfgois@gmail.com](mailto:marcospfgois@gmail.com)

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo compreender a gênese e a consolidação do Baixo Leblon, entre os anos de 1976 e 1979, como um cenário para a sociabilidade noturna na Zona Sul do Rio de Janeiro. A partir da ideia de cenário como uma composição de objetos, comportamentos, públicos e significados, foram construídos instrumentos para a análise das matérias nos acervos digitais do Jornal do Brasil e do O Globo. Os acervos nos permitiram compreender a relevância do Baixo Leblon na construção de práticas de lazer boêmio na cidade, as formas de ocupação e de organização desses espaços e os significados associados a eles. A partir desses registros jornalísticos foram produzidas descrições do cenário do Baixo Leblon e interpretações acerca de sua consolidação como referência material e simbólica para a sociabilidade noturna no Rio de Janeiro. Acredita-se que com a pesquisa podemos compreender a gênese de uma forma de sociabilidade original associada ao cotidiano do habitante da cidade do Rio de Janeiro.

**Palavras-chave:** Baixo Leblon; Boemia; Sociabilidade; Noite; Rio de Janeiro.

## BAIXO LEBLON AS A SCENERY OF THE NIGHT OF RIO DE JANEIRO (1976-1979)

### Abstract

This article aims to understand the origin and spread of Baixo Leblon as a scenery for social interactions at night in southern zone of Rio de Janeiro between 1976 and 1979. Grounded on the idea of scenery as a composition of objects, behaviors, audiences and meanings, we created analysis instruments of the digital collections of two daily newspapers: "Jornal do Brasil" and "O Globo". These collections allowed us to understand the relevance of Baixo Leblon in the construction of new practices of leisure in the city, forms of occupation and organization of these spaces and the meanings associated with them. From these records, we produced descriptions about the scenery of Baixo Leblon and interpretations about its consolidation as a material and symbolic reference for nocturnal sociability in Rio de Janeiro. We believe that by ways of describing the scenery in its early years one can find an original set for public sociability related to the daily nightlife of Rio de Janeiro's citizens.

**Key words:** Baixo Leblon; Boemia; Sociability; Night; Rio de Janeiro.

## EL BAIXO LEBLON COMO ESCENARIO DE LA NOCHE DE RIO DE JANEIRO (1976-1979)

### Resumen

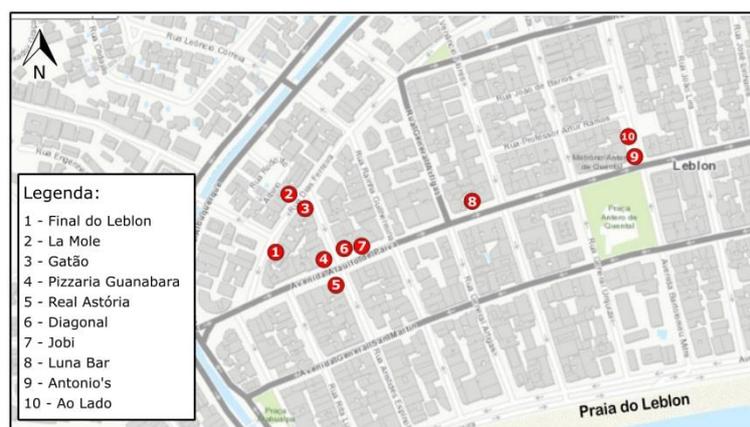
Este artículo tiene como objetivo comprender la génesis y la consolidación de Baixo Leblon, entre 1976 y 1979, como un escenario para la sociabilidad nocturna en la zona sur de Río de Janeiro. A partir de la idea del escenario como composición de objetos, comportamientos, públicos y significados, se construyeron instrumentos para el análisis de los artículos en las colecciones digitales de Jornal do Brasil y O Globo. Las colecciones nos permitieron comprender la relevancia de Baixo Leblon en la construcción de prácticas bohemias de ocio en la ciudad, las formas de ocupación y organización de estos espacios y los significados asociados con ellos. A partir de estos registros periodísticos se produjeron descripciones del escenario de Low Leblon e interpretaciones sobre su consolidación como referencia material y simbólica para la sociabilidad nocturna en Río de Janeiro. Se cree que con la investigación podemos entender la génesis de una forma original de sociabilidad asociada con la vida cotidiana del habitante de Río de Janeiro.

**Palabras-clave:** Baixo Leblon; Boemia; Sociabilidad; Noche; Río de Janeiro.

### Introdução

Desde a década de 1950 a noite do bairro do Leblon, na Zona Sul do Rio de Janeiro, já abrigava alguns botequins, como o *Clipper*, o *Memória* e o *Paraíso*. Era uma noite tranquila, mas que, a partir da década de 1960, se tornou movimentada com a chegada de pessoas famosas, atraindo curiosos e a imprensa carioca (LIMA, 1999, p. 40). Em um trecho do Leblon, o quarteirão entre a Av. Ataulfo de Paiva e as ruas Aristides Espínola e Dias Ferreira concentrava o *Três Vinte*, o (Real) *Astória*, o *Gatão* e o *La Mole*. No final da década de 1970, esse trecho passa a ser intensamente noticiado na mídia carioca, com o nome de Baixo Leblon, “o novo refúgio da boemia”, como era denominado.

**Figura 01:** Esquema das ruas do bairro do Leblon com os estabelecimentos do Baixo.



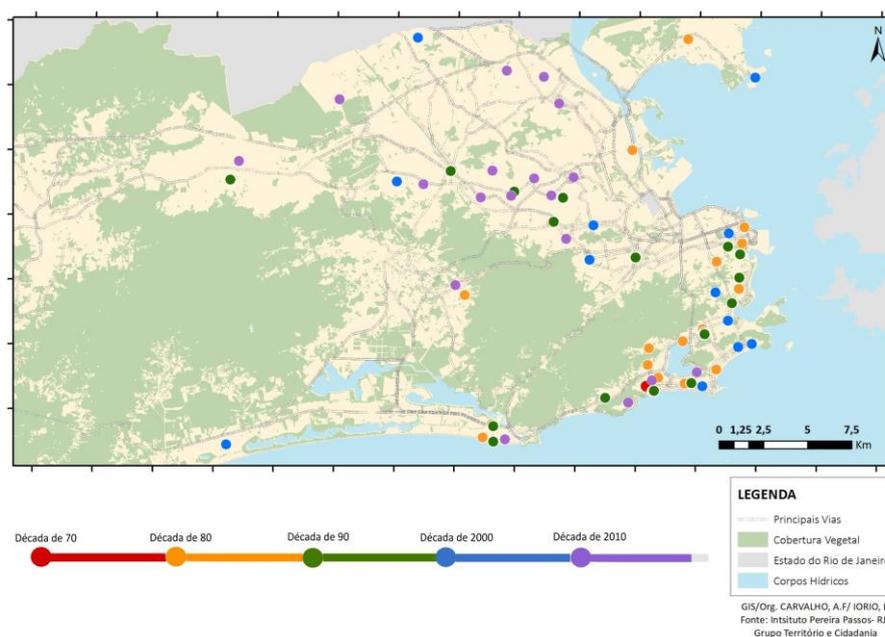
**Fonte:** Elaboração própria.

A origem do uso do termo “Baixo” é, até hoje, alvo de dúvidas. A “explicação oficial” afirma se tratar de uma referência geográfica e topográfica: com o já existente Alto

Leblon, área residencial do bairro localizada em sua parte alta, na Rua Timóteo da Costa, os frequentadores dos bares e restaurantes da parte baixa do bairro passaram a chamá-la de Baixo Leblon, em contraposição ao “Alto”. Não podemos, porém, desconsiderar o conjunto de significados advindos dessa denominação. Ao passo em que o Alto Leblon representava um local mais restrito e essencialmente residencial, o “Baixo” surge como a sua antítese: um ponto de encontro de todas as tribos, com intensa atividade comercial e práticas consideradas “baixas”, desviantes da conduta moral da época.

Nos anos seguintes surgem novos Baixos em outros bairros da cidade e com novas formas de organização (figura 2). A ideia de “Baixo” se torna uma referência para a noite do Rio de Janeiro. Por ser o primeiro registro encontrado nos jornais, entender a conformação do *Baixo Leblon* se torna essencial para compreender o lazer na noite carioca. Portanto, esse artigo se dedica a compreender a gênese e a consolidação do Baixo Leblon, a partir da descrição do seu cenário, conceito desenvolvido por Gomes (2013) para designar a integração de objetos, ações e significados que, reunidos em um espaço, compõem um conjunto de cenas, e da identificação das suas variáveis de análise – morfologias, objetos, comportamentos, significados e público.

**Figura 02:** Mapa da distribuição dos Baixos na cidade do Rio de Janeiro entre 1976 e 2018



Fonte: Elaboração própria.

Para a obtenção dos elementos referentes às categorias escolhidas, foram analisadas as matérias do Jornal do Brasil e do jornal O Globo entre 1976 e 1979, momento em que o Baixo Leblon é o único que possui a denominação “Baixo”, e sua significação na cidade. Assim, foram produzidas análises do conteúdo das matérias jornalísticas, o que incluiu os textos e as imagens publicadas. Foram realizadas análises quantitativas para cada uma das categorias que compunham o cenário analisado e, a partir disso, a descrição foi realizada por meio de nuvens de *tags*, ou seja, quadros-síntese com as expressões mais comuns encontradas nas matérias.

Identificamos o Baixo Leblon como um espaço formado por uma concentração de bares e restaurantes onde seus frequentadores, entre eles artistas, intelectuais e jovens estudantes, bebiam e se divertiam durante a noite, circulando entre os bares. Também discutimos, com o auxílio dos quadros-sínteses, como os elementos que compõe o cenário se destacam, como a prática do tráfico de drogas, por exemplo, gerando novos sentidos àquele lugar de sociabilidade. As alterações sofridas por esse cenário e suas implicações são analisadas a partir das reformas dos estabelecimentos, bem como o papel de alguns agentes fundamentais à consolidação da ideia de “Baixo” no Rio de Janeiro, como artistas e jornalistas. Nesse sentido, vemos que mudanças morfológicas e um certo gosto pelos espaços entre a rua e os ambientes internos de bares e restaurantes, nas esquinas, perfaziam o pedaço ocupado pelos frequentadores, o que denota uma composição física e um conjunto de comportamentos associados a essa forma de sociabilidade.

### **Cenários de sociabilidade, noites em pedaços e nuvens de palavras**

A sociabilidade promove percursos e encontros entre diferentes “tribos”. Segundo os resultados apresentados por Torres (2000) ao investigar o lazer noturno no bairro do Bixiga, em São Paulo, o espaço físico era um dos principais componentes da sociabilidade noturna, principalmente ao transmitir a sensação de núcleo, de proximidade entre as diferentes “tribos”. Além disso, a localização dos bares, de frente para a rua, permitia a observação do movimento e da circulação de pessoas, facilitando o contato entre os frequentadores. O lazer no Bixiga se caracterizava pelo passeio, pelo ato de circular pela noite nos bares do bairro. A espacialidade do lugar torna-se um ponto crucial da análise, pois é reorientada para o lazer e, ao mesmo tempo, reorientadora da forma pela qual este lazer pode se realizar.

A partir de uma perspectiva similar, Magnani (2002) propõe uma etnografia urbana dos grupos de jovens em São Paulo. Ao descrever manchas e pedaços, ele reconhece as relações de convívio em espaços de lazer de jovens. A ideia de pedaço é, inclusive, a expressão física de uma relação mediada entre a formalidade do contato em um espaço público e a informalidade do reconhecimento de iguais, ou seja, amigos e familiares. O pedaço é, assim, um meio-termo entre a casa e a rua, o privado e o público, o íntimo e o desconhecido, algo que fragmentaria possíveis territorialidades e reconfiguraria outras formas de associação. Trata-se de um espaço criado por uma sociabilidade entre pessoas conhecidas, ainda que não necessariamente do círculo íntimo de amizades. Há um reconhecimento entre os frequentadores, uma proximidade ligada a um certo tipo de identidade em um dado momento, como em outros casos é apontado por Goffman (2010).

A proposta de Magnani se aproxima muito da perspectiva sobre a sociedade brasileira lançada por Da Matta (1986), quando este observa que a casa e a rua compõem dois mundos sociais: o primeiro é um espaço conformado por laços de sangue e pela convivência cotidiana; o segundo é o espaço da lei, da formalidade, dos iguais, dos cidadãos. Para ele o brasileiro cria um arranjo para ter alguma intimidade ou familiaridade em meio a um ambiente formal, ou seja, a informalidade e o trato pessoal como formas de romper provisoriamente com as relações formais de consumo e com as regras explícitas nas normas do Estado, por exemplo.

Na geografia esta relação entre dois ambientes que resguardam orientações sociais diferentes foi identificada por Gomes (2001). Nesse caso, os termos *nomoespaço* e *genoespaço* consolidam a ideia de uma relação entre sociedade e espaço organizada segundo princípios que se opõem. No caso do *nomoespaço* é a lei e o direito que organizam a forma pela qual as pessoas se relacionam socialmente, tendo um espaço delimitado por este princípio, onde as regras sociais devem ser orientadas por um bem comum. No caso do *genoespaço* não é mais a lei, mas a identidade comunitária compartilhada por um grupo que serve como dispositivo de ordenamento do espaço, o que não visa o bem comum, mas a reprodução daquele grupo social. Novamente, de um lado, a norma; de outro, a identificação de um grupo, uma comunidade. Entre os dois ambientes talvez se inscreva um interlúdio, no sentido apresentado por Da Matta (1986).

Ao pensar a noite e o lazer na cidade, Góis (2018) aponta na mesma direção ao sugerir que o lazer noturno do carioca encontra certa ambiguidade entre duas esferas rígidas: a da norma e a da informalidade. Mais do que isso, haveria um gosto do carioca

pelo lugar “entre”, pelos espaços abertos, janelas e portas que permitem a transição entre dois lugares de sociabilidade. Algo observado pelo próprio Da Matta (1986), em outros contextos, para falar de um gosto pelas beiras, varandas e batentes de portas, espaços entre a casa e a rua. A noite seria, assim, marcada pela circulação dos sujeitos no espaço, que migram entre os lugares em busca do prazer contido no encontro com outros. Em alguns casos serão velhos conhecidos; em outros, a noite é o momento em que se permite conhecer novas pessoas. O espaço público aparece como interlúdio para a sociabilidade, ainda que ela ocorra nas varandas, mesas de bares e balcões. Ele é uma configuração física e um lugar de sociabilidade.

Nesse sentido forma-se o que Gomes chama de cenário, ou seja, um conjunto de cenas. Um “conjunto de ações, objetos e significações unidos e simultâneos em um mesmo espaço” (GOMES, 2013, p. 189). Entendemos assim que, em uma análise geográfica que pretende compreender o Baixo Leblon, sua gênese e consolidação como um espaço privilegiado para o encontro social, não devemos nos limitar aos aspectos morfológicos do espaço. A integração das dimensões física, comportamental e das significações proposta por Gomes (2013) a partir do conceito de cenário se apresenta como uma importante ferramenta para entender as relações sociais entre espaços privados e públicos, sendo o suporte teórico-metodológico desse artigo.

Entendemos também que as diferentes combinações dessas esferas, ao receberem diversas conotações e significados, produzem distintas identidades, pois, “Compreendemos também essa dinâmica como um motor de identidades. Os lugares onde se passam essas cenas, seus atributos, o público que aí se apresenta e seus comportamentos criam marcas, são formas de ser naquele espaço.” (GOMES, 2013, p. 190). O espaço fica marcado como o ambiente, o “reduito” de certo grupo. O diálogo estabelecido entre os membros do grupo pode envolver muitos temas, mas os objetivos se concretizam naquele ambiente, dentro de um arranjo no qual a sociabilidade é o nexo social estruturante (SOUZA, 2014). Por isso, podemos enxergar o Baixo Leblon a partir da perspectiva da sociabilidade, como um espaço de encontro social onde este é um fim em si mesmo.

O Baixo Leblon, como já falado, era frequentado por um grande e variado público, incluindo a presença constante de artistas e intelectuais, como Tom Jobim, Chicho Buarque, Caetano Veloso, Beth Carvalho, Hélio Oiticica e tantos outros. A sua presença nos bares e restaurantes era recorrentemente noticiada nas colunas sociais da mídia

imprensa da época, o que proporcionava ainda maior visibilidade para o cenário e centralidade ao Baixo como um ponto de encontro social. A partir dessa observação decidimos agregar uma nova dimensão de análise do cenário, que representa justamente os personagens do Baixo Leblon. Entendemos que as pessoas que frequentavam o local tiveram enorme importância para a consolidação do Baixo Leblon e a sua ampla divulgação na mídia. No presente artigo, iremos nos referir a esse grupo de pessoas como um “público”, no sentido empregado tradicionalmente na ciência política como uma composição coletiva de cidadãos que se encontram sob o mesmo marco legal e que possuem, assim, direitos, como de ir, vir e de se reunir.

Para compreender a composição do cenário do Baixo Leblon, utilizamos como fontes de dados os acervos digitais de dois jornais de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro na época, o jornal O Globo e o Jornal do Brasil. Matérias de todos os tipos foram analisadas: desde anúncios de promoções em restaurantes até reportagens das páginas policiais. Todavia, foram nas colunas sociais – principais espaços de divulgação do Baixo Leblon na mídia – que encontramos as narrativas mais ricas para a pesquisa. Os autores das colunas sociais frequentavam o Baixo Leblon não somente para fazer as suas reportagens, mas como parte da clientela.

Do primeiro registro, em 1976, até o presente momento, existem cerca de 2000 matérias que têm como tema o Baixo nos dois acervos. Porém, sendo a intenção desse artigo estudar os anos iniciais do Baixo Leblon, o nosso recorte temporal corresponde aos anos de 1976 (ano do primeiro registro) até 1979 (último ano em que ele é o único Baixo na cidade – O Baixo Botafogo é registrado pela primeira vez no Jornal do Brasil em 1980). Foram inventariadas nesse período 113 matérias com menção ao Baixo Leblon. Com a definição das quatro categorias que norteariam a descrição do cenário (objetos, morfologias, comportamentos, significados e público), as matérias foram analisadas. Em um primeiro momento as menções a essas dimensões foram registradas textualmente e agrupadas. Os termos empregados pelos jornais foram retirados e separados, distribuindo-se cada uma para as suas dimensões de análise. Por exemplo: a manchete publicada pelo Jornal do Brasil no dia 24 de janeiro de 1979, com o título “Polícia prende traficante que vendia cocaína a jovens no chamado ‘Baixo Leblon’”, temos menções a três categorias diferentes: objetos (cocaína), comportamentos (prender e vender) e as personagens (polícia, traficante e jovens). Dessa forma, nessas 113 matérias, foram registradas 175 menções a

objetos, 53 a comportamentos, 60 menções a significados e 105 ao público. A união e a articulação desses elementos serão a base para a descrição do cenário.

Vale destacar que, sendo a categoria “objetos” a representação da dimensão física que compõe o cenário, reconhecemos uma vasta amplitude de elementos que a compõe. São objetos que se assemelham entre si no sentido de serem concretos e palpáveis, por serem essencialmente físicos, mas que, ao mesmo tempo, possuem grandes diferenças quanto às suas formas e usos. A natureza do copo, por exemplo, é bem diferente da natureza da esquina. Por isso, tratamos aqui de operar uma subdivisão na categoria dos objetos. Chamaremos de morfologia os elementos que compreendem as estruturas e os equipamentos urbanos e mobiliários que compõem o cenário, que se apresentam de maneira mais fixa no espaço, como os bares, restaurante, a esquina, a calçada e as mesas (que mesmo sendo passíveis de mobilidade, geralmente se apresentam de maneira fixa nos salões dos estabelecimentos). Assim, os elementos físicos que apresentam alto grau de circulação, como o chope, os tóxicos, a pizza e os copos, são reunidos na categoria de objetos.

A partir da identificação e da classificação dos elementos que compunham o cenário do Baixo Leblon entre 1976 e 1979 foram produzidas análises quantitativas representadas a partir de “nuvens de *tags*” para cada uma das categorias. A nuvem de *tags* é um recurso visual no qual ao se inserir uma lista de palavras cria-se uma imagem formada por essas mesmas palavras, que aparecerem em tamanho proporcional ao número de vezes em que se repetem nessa lista. Ao se trabalhar com um universo grande de palavras, a nuvem de *tags* é essencial para uma fácil compreensão e visualização da sua estrutura. Nesse artigo, elas se apresentaram como uma importante ferramenta visual para compreendermos quais elementos do cenário se sobressai aos outros. Isto é, quais elementos se repetem mais, são mais frequentemente representados e associados ao Baixo Leblon nas matérias analisadas.

Foram feitas cinco nuvens de *tags*, uma para cada categoria, a partir do registro dos elementos que compunham o cenário do Baixo Leblon. Elas aparecerão na descrição do cenário, identificando os seus elementos de maior destaque e realizando a articulação com o próprio cenário. Buscaremos discutir esse universo de palavras, atentando para alguns elementos principais, sobretudo os que aparecem em maior destaque.

### **Situação geográfica: o Leblon e o seu baixo**

O Leblon é um bairro localizado na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. É vizinho de Ipanema, Gávea, Vidigal e Lagoa (figura 3). Com uma população de cerca de 46 mil habitantes, de acordo com o Censo do IBGE (2010), o bairro reconhecido como uma das áreas mais nobres da cidade, possuindo, em 2000, IDHM de 0,967, segundo maior da cidade e renda per capita de R\$ 2441,28 (IBGE). O Leblon também é um dos mais importantes destinos turísticos na cidade. A praia e os serviços de lazer são alguns dos atrativos para a vida diurna e noturna do bairro. A sua proximidade a pontos turísticos famosos, como a Lagoa Rodrigo de Freitas, o Morro Dois Irmãos e a própria praia, compõem um quadro muito diversificado de atrativos para moradores e turistas.

A ocupação do bairro é relativamente recente e se insere no processo mais geral de expansão urbana para as antigas várzeas e campos arenosos ao longo do litoral carioca ocorrido no início do século XX (ABREU, 1987). O loteamento das terras e a comunicação com a área central da cidade ocorreram nos últimos anos da década de 1910, quando obras de drenagem e aterramento permitem a ocupação e a circulação em toda a área (LIMA, 1999). Assim, o que antes era uma vizinhança tranquila, com “[...] gente simples e divertida que viveu cá por estes sítios, nos anos quarenta e cinquenta [...]”, como descreve Lima (1999, p. 7), se torna um bairro movimentado, principalmente em função de sua noite agitada.

A vida noturna no Leblon também passou por uma transformação. Por ser um bairro isolado, ou seja, um local de origem e de partida (e não de passagem), a noite era aproveitada pelos próprios moradores. Nos idos dos anos 1950 havia alguns poucos botequins (dois ou três) localizados entre o Jardim de Alá e o Canal da Lagoa, na Rua Dom Pedrito (atual Almirante Guilhem), que “[...] ficavam abertos até as onze horas, se tanto, para atender motoristas de lotação, motorneiros e boêmios” (LIMA, 1999, p.13). Também existiam o Bar Colúmbia e o bar do Hotel Leblon, ambos localizados na praia. Porém, a partir dos anos 1960, a concentração de bares, botequins e restaurantes se dava ao longo de um eixo principal: a Avenida Ataulfo de Paiva e suas adjacências, com estabelecimentos como os tradicionais Clipper e Bracarense, além do Memória, Paraizo, Bibi, Look e Recreio. Na parte final do Leblon, isto é, no sentido oposto a Ipanema, o trecho da Avenida Ataulfo de Paiva e as ruas Aristides Espínola e Dias Ferreira concentrava o Três Vinte – que viraria a Pizzaria Guanabara anos depois – o (Real) Astória, o Gatão e o La

Mole. Seria justamente nesse trecho que, anos depois, surgiria o Baixo Leblon, com esses mesmos bares e restaurantes (e alguns outros).

**Figura 03:** Bairro do Leblon, na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro.



**Fonte:** Elaboração própria.

Para Lima (1999), a noite “caseira” do Leblon foi violada nos anos 1960. A construção do condomínio Selva de Pedra e a presença cada vez mais constante de artistas e famosos nos bares e botequins do bairro teria mudado o antigo cenário. A presença desse grupo de pessoas cria, para o autor, “templos exóticos” que cultuavam hábitos que nada tinham a ver com os usuais costumes leblonianos, como o Luna Bar, o Antonio’s e o Degrau (LIMA, 1999, p. 40). A Avenida Acauã de Paiva e seus arredores começam a se tornar uma referência na noite carioca, com seus inúmeros bares, botecos e restaurantes. Nascia, assim, o que conheceríamos mais tarde como Baixo Leblon.

### **O cenário do baixo Leblon**

Em 1976, o quarteirão formado pela Avenida Acauã de Paiva e as ruas Aristides Espínola e Dias Ferreira, no Leblon, “explode” nas colunas sociais da mídia impressa, com seus inúmeros e “badalados” bares e restaurantes. As grandes casas, Luna Bar, Porto Mar/Diagonal, Pizzaria Guanabara, Gatão, Real Astória, Antonio’s, entre tantos outros, se tornam manchete pela noite movimentada. Assim, o Baixo Leblon ganha destaque nos

jornais e revistas da época. Era o mais novo ponto de encontro da juventude carioca, “refúgio da boemia”, como mostra o fragmento a seguir:

O percurso vem sendo feito há anos, iniciado na Lapa (Capela, Bols, Indígena, com incursões à Taberna da Glória e Lamas), estendido ao Centro (Pardellas, Villarino, Amarelinho, Vermelhinho, Gouveia, Nacional, Brahma, Americano) até Copacabana (Bonfim, Bom Marché, Caixotes) e bem mais tarde a Ipanema, onde os antigos Zeppelin e Jangadeiros pontificaram durante anos [...] (Baixo Leblon – O Entendimento Boêmio, *Jornal do Brasil*, 05/12/1976).

Os ritos de sociabilidade do Baixo Leblon não se restringiam às quatro paredes dos estabelecimentos. Eles estão presentes (e de maneira intensa) nos espaços públicos adjacentes aos bares e aos restaurantes, como uma espécie de extensão “a céu aberto” desses estabelecimentos. Mesmo assim, entendemos que esses dois ambientes possuem limites que definem a existência de diferentes formas espaciais e comportamentais, sendo as formas indicadoras da existência desses limites. “[...] as formas construídas comunicam algo, indicam atividades e práticas, sinalizam limites” (GÓIS, 2015, p. 270). Assim, nesse artigo, trataremos essa diferenciação de espaços, de dentro e de fora, como “ambiente interno” e “ambiente externo”. Esse é um ponto essencial na conformação do cenário do Baixo Leblon. A existência dessas “instâncias”, o espaço de dentro e o de fora, condicionando a circulação de clientes, é um dos principais elementos que compõe o cenário.

Os bares e restaurantes do Baixo Leblon eram, à primeira vista, muito parecidos. Havia um padrão na organização espacial dos elementos, seja na esfera física (as morfologias) ou na esfera comportamental (as ações dos diferentes atores) realizado pelos atores desses espaços, como clientes e garçons. Agora apresentaremos essas formas e comportamentos associados e sua organização espacial, analisando as relações que estabelecem entre si e o papel que desempenham na composição do cenário do Baixo Leblon.

#### *O escritório*

Os ambientes internos dos bares e restaurantes do Baixo Leblon eram caracterizados por paredes de ladrilho, repletas de pôsteres, cartazes e fotografias dos seus ilustres e famosos frequentadores (figura 4). Exibi-los era motivo de orgulho para a casa. Ao adentrar nos ambientes internos, um observador poderia notar a presença de muitas mesas e cadeiras dispostas nos salões dos restaurantes para servir a sua clientela. Ao longo

do dia esse arranjo era submetido a uma nova organização e se adequava às práticas dos clientes noturnos. Apesar de serem mesas e cadeiras pesadas, elas poderiam ser reorganizadas para se adequar às necessidades de reunião de grupos maiores. Ocorria aqui não apenas a mudança dos elementos físicos dos espaços internos do estabelecimento. Mais do que isso, tratava-se de uma reconfiguração do cenário. As diferentes práticas ali realizadas induzem a transformações na esfera física do espaço.

**Figura 04:** Interior de um restaurante não especificado do Baixo Leblon.



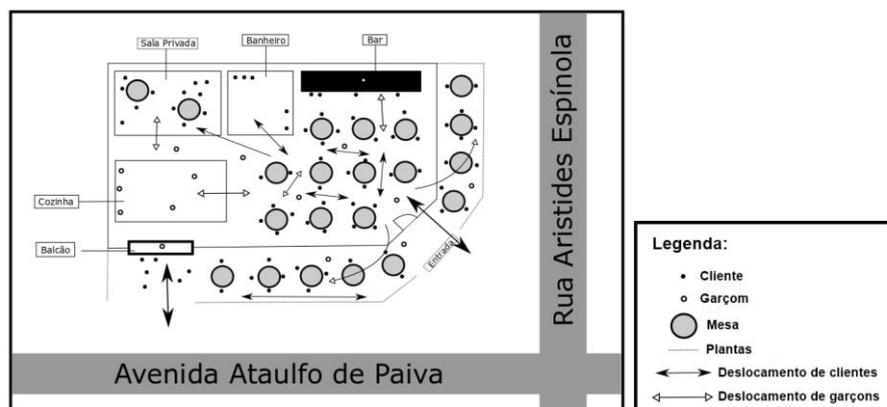
**Fonte:** Jornal do Brasil – 05/12/1976.

Em relação ao consumo nos espaços internos, a pizza era um grande atrativo para os clientes devido ao seu baixo custo e pronta disponibilidade. Também eram servidos vários tipos de bebidas, com destaque para o chope e para o uísque. O chope circulava pelas mesas, balcões e calçadas; enquanto o uísque, mais caro, costumava ficar restrito às mesas dos salões internos dos bares e restaurantes. Isto nos revela uma segmentação do consumo no espaço, o que também aponta uma reorientação das práticas. Veremos mais adiante, ao discutir o ambiente externo e mais especificamente o balcão da Pizzaria Guanabara, como funciona tal diferenciação do espaço do restaurante, fenômeno identificado por um colunista do Jornal do Brasil como “uma divisão de classes”.

A concentração de pessoas em espaços fechados e relativamente pequenos implicava na formação de um ambiente barulhento, caracterizado pelo burburinho decorrente das conversas entre os frequentadores. O constante e característico buchicho era interrompido, por vezes, por fregueses que passavam a noite se divertindo, gritando e cantando. Ao som de um violão na mão de algum cliente (que possivelmente se descobriria ser algum artista), os shows, completamente informais, se tornaram rotina e a festa ia até o pôr do Sol.

Diferentes sons compunham a movimentada noite no Baixo. Tudo circulava, seja no espaço interno, seja entre esse espaço e o externo (figura 5). A troca entre esses espaços era constante, de forma que um era ligado ao outro. A movimentação era intensa: clientes, bandejas, notícias, informações, entorpecentes etc. O Baixo Leblon era, antes de tudo, um ponto de encontro, ou como nas palavras de Magnani (2002), um pedaço. Os frequentadores acreditavam que poderiam encontrar amigos e conhecidos ao circularem pelo Baixo Leblon, ao entrarem nos bares e restaurantes. Assim, ao longo da noite, era normal ver uma pessoa indo de mesa em mesa e cumprimentando amigos antes de regressar à sua mesa de origem. Alguns eram “*habitués* do Baixo Leblon”, unidos, entre outras coisas, por esses ritos de sociabilidade. Assim, as notícias surgiam, circulavam e se espalhavam e viravam manchete graças à presença de jornalistas, que, muitas vezes, faziam parte desse grupo de tradicionais frequentadores.

**Figura 05:** Esquema gráfico do interior da Pizzaria Guanabara.



**Fonte:** Elaboração própria.

A circulação de frequentadores pelos bares e restaurantes não se restringia aos espaços comuns das mesas. Os banheiros dos bares e dos restaurantes também eram espaços movimentados, mas não somente para os fins convencionais. Por serem espaços reservados, eram utilizados para a compra e o consumo de entorpecentes. O uso de cocaína era uma prática comum em todo o Baixo Leblon e se tornou um comportamento associado àquele local. Era uma época em que o seu consumo, ainda que mais barato que nos anos 1950 e 1960, era predominante nas áreas nobres da cidade, sobretudo na Zona Sul carioca. Os traficantes se camuflavam entre os clientes e vendiam cada grama de cocaína por aproximadamente 500 cruzeiros, segundo a reportagem do Jornal do Brasil (24/01/1979). As operações de repressão a entorpecentes se tornaram quase diárias e a

presença de policiais era constante, à procura de traficantes que atuavam naquela área. Em diversas notícias são apresentadas ações policiais de repressão ao tráfico de drogas:

Usando carros particulares e motocicletas, os policiais da Delegacia de Entorpecentes estão buscando informações nos pontos mais frequentados pelos atravessadores do tóxico, especialmente no chamado “Baixo Leblon” (Investigações, Jornal do Brasil, 04/01/1979).

Policiais da Delegacia de Entorpecentes – numa diligência destinada a prender os traficantes que fornecem tóxicos à Turma da Tatuagem, no chamado Baixo Leblon – prenderam, ontem, Ricardo Melance, quando tentava vender cocaína, a Cr\$ 500 o grama, a jovens [...] (Polícia prende traficante que vendia cocaína a jovens no chamado “Baixo Leblon”, Jornal do Brasil, 24/01/1979).

A Figura 6 deixa evidente a constante associação do uso de drogas ao Baixo Leblon. Por mais que o chope, a pizza e outros produtos apareçam, podemos observar em grande destaque as palavras “tóxicos”, “cocaína” e “entorpecentes”. “Drogas”, “papelote” e “maconha” também podem ser observados com menor destaque. A presença da polícia se torna constante nesse espaço e suas operações por muitas vezes acabavam em brigas. Assim, o Baixo Leblon aparece nas matérias associado a esse tipo de atividade e à violência em geral. Relatos de tiroteios, assaltos, brigas e violência policial eram constantemente registrados nas páginas do Jornal do Brasil e do O Globo. Era um momento em que a imprensa policial possuía grande destaque na mídia. Esse tipo de pauta chamava a atenção e a movimentação causava medo nas pessoas e, mais tarde, viria a ser um fator de repulsa ao Baixo. Alguns estabelecimentos passam até a funcionar a meia porta, para chamar menos atenção.

Ocorre, dessa forma, uma reconfiguração no cenário ao passo em que uma série de comportamentos considerados negativos e perigosos acabam por atribuir ao Baixo uma significação de repulsão e de medo, que pode ser refletida na sua configuração física, ao passo em que os estabelecimentos adotam certas estratégias, como o funcionamento a meia porta, para se precaver.

Como se ainda fosse preciso detectar os sinais de intranquilidade diante da onda de violência que cresce na Zona Sul, começa a ser adotado no Baixo Leblon um novo método de prevenção: várias casas estão funcionando a meia porta. Pode não evitar os assaltos, mas – acreditamos os comerciantes – chama menos a atenção dos ladrões (O medo na vitrina. Jornal O Globo, 27/11/1979).

**Figura 06:** Nuvem de *Tags* dos Objetos.



Fonte: Elaboração própria.

Os principais agentes de circulação eram os garçons. A relação entre garçom e cliente era mais profunda do que a de servir e ser servido. Era uma relação de extrema informalidade. Assim como os clientes, os garçons eram conhecidos e chamados pelos nomes, atendiam aos telefonemas dos clientes e passavam recados de um bar para outro. Poderíamos até mesmo dizer que se trata de uma maneira de encontrar um meio termo entre os rigores da norma social e os infortúnios de uma grande intimidade, como possíveis restrições ao comportamento público. Trata-se de uma forma personalizada de viver em um arranjo social, típica da malandragem brasileira. Como aponta o antropólogo Roberto Da Matta, o equilíbrio entre essas duas unidades resultaria no modo de lidar com o contrato social, em que sempre há brechas para “dar um jeitinho”. Segundo ele, o brasileiro viveria um dilema, uma:

[...] oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e de despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais [...] O resultado disso é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao polo tradicional do sistema). (DA MATTA, 1986, p. 64).

Em busca da informalidade, os boêmios encontram no Baixo um refúgio, onde ele não é apenas um indivíduo universal, submisso às leis, mas alguém que é reconhecido, um sujeito, que utiliza sua rede de relações pessoais para quebrar a formalidade características de outros ambientes. A informalidade nas relações sociais acaba por se refletir na relação entre os fregueses e o próprio lugar. Ocorre uma apropriação social por

parte daquele grupo, que torna aquele espaço banal (o bar, o restaurante) em um lugar único, diferenciado dos demais, apesar de não ter na sua configuração física elementos que sejam únicos, mas que, associados a outros elementos, como os comportamentos e os significados, conformam um cenário único.

Esse processo pode ser visto quando os bares e os restaurantes passam a ser conhecidos pelos apelidos que recebem dos clientes, geralmente em uma associação geográfica, relativa à sua posição. O exemplo mais emblemático é o do Restaurante Porto Mar, que por estar posicionado exatamente na diagonal do Real Astória, começou a ser chamado por todos de “Diagonal” (figura 7). O apelido se tornou mais popular que o nome verdadeiro, “[...] ninguém sabe que se chama Porto Mar”, como mostra a matéria do *Jornal do Brasil* (05/12/1976). A mudança de nome fica tão marcada que o letreiro viria a ser substituído. Outro exemplo é o do Restaurante Porto Cale, na Rua Dias Ferreira, que passa a ser chamado de Defronte, por estar defronte ao La Mole ou Gatão, em uma alusão ao famoso garçom do estabelecimento.

De forma geral, a informalidade das relações de sociabilidade foi sendo articulada a uma informalidade espacial, ligada aos nomes, mas também à constituição física do espaço. O cenário construído foi sendo remodelado para valorizar esse sentido mais descontraído da sociabilidade entre o seu público de jovens, intelectuais, artistas e colunistas sociais. De certa forma, essa cenarização será envolvida em momentos de maior repressão policial, visto o contexto da época que era ainda de supressão democrática.

**Figura 07:** Montagem com os letreiros do Restaurante Porto Mar, posteriormente conhecido como “Diagonal”.



**Fonte:** Elaboração própria a partir de matérias no *Jornal do Brasil* (05/12/1976); e *Jornal O Globo* (14/12/1987; e 18/08/1986).

### *As reformas e o público*

A fama e o sucesso do Baixo cresceram ao longo dos anos 1970, tornando-o um espaço popular e de reconhecida vida boêmia no Rio de Janeiro. Os bares e restaurantes ficavam cada vez mais lotados e sua estrutura não comportava a grande concentração de pessoas. As necessidades que surgiam com o uso cada vez mais intenso daquele espaço obrigavam os proprietários a criar novas soluções para acomodar a movimentação diária. A sua intensa divulgação na mídia o tornou cada vez mais conhecido e, conseqüentemente, cheio, perdendo os atributos que o associavam a um refúgio de fato. Assim, inúmeros bares e restaurantes passam por reformas em sua estrutura, com alterações na dimensão física do cenário, como o tratamos aqui, para acompanhar essas novas demandas. As reformas se tornaram uma constante nos estabelecimentos do Baixo Leblon.

Destacamos que, como proposto por Gomes (2013), as dimensões que compõem o cenário são interligadas e interdependentes. As reformas realizadas na estrutura dos bares e restaurantes do Baixo Leblon não ficam restritas à dimensão física. Não é somente o espaço construído que é modificado, mas também os comportamentos associados a esses lugares. Novas condutas se impõem, novas formas de se deslocar e permanecer nele aparecem. O espaço não atua como um simples palco, receptáculo de ações; ele atua ativamente, podendo moldar e influenciar os elementos da esfera comportamental. Conseqüentemente, a dimensão dos significados também é afetada. Os valores associados se modificam, os estabelecimentos ganham novas conotações. Em suma, todo o cenário se transforma.

Com essas reformas, novos espaços são incorporados dentro dos bares e dos restaurantes para atender às novas demandas de clientes, cada vez mais numerosos. Surgem assim, por exemplo, salas reservadas, refrigeradas, nos fundos dos estabelecimentos. Elas eram salas privadas, frequentadas pelos clientes mais famosos, em busca de privacidade e sossego na noite. O objetivo era fugir dos holofotes e essas salas se tornam o refúgio de gente famosa quando o Baixo como um todo já havia perdido essa característica.

Já é uma e meia da manhã e (Hugo) Carvana chegou há pouco no Luna, o mais badalado dos bares do Baixo Leblon, na Ataulfo de Paiva quase esquina com Venâncio Flores. Entrou com a mulher Marta e imediatamente foi requisitado pela grande mesa da sala dos fundos, também chamada Pinel [*em referência ao Instituto Psiquiátrico Philippe Pinel, no bairro da Urca, Zona Sul do Rio de Janeiro*]. Ali, Tereza Aragão confessa que ‘todos se amam’, enquanto o gravador Newton Cavalcanti, de pé, canta

um samba sob aplausos gerais (Baixo Leblon – O Entendimento Boêmio, *Jornal do Brasil*, 05/12/1976).

A presença de artistas e intelectuais, entre eles atores, atrizes, cantores, escritores, poetas e atletas, atraíam inúmeros jornalistas às grandes casas do Baixo, sempre em busca de “um furo” que ocupasse as páginas das colunas sociais. Muitos admiradores dessas personalidades, ao saberem, pelos jornais, que havia a chance de encontrá-los, iam ao Baixo e circulavam pelos bares na esperança de um olhar e um encontro com gente famosa. A forma como os próprios artistas, intelectuais e colunistas sociais se referiam ao Baixo indica a associação desse cenário a um conjunto de significados compartilhados. O país ainda vivia em regime ditatorial, com liberdades artísticas, culturais e políticas reprimidas. O direito de ir e vir na cidade e certas práticas nos espaços públicos, como reuniões e a sua ocupação noturna, eram reprimidos por serem associados a um comportamento desviante da conduta moral determinada pelo regime. O Baixo Leblon era a antítese disso: era um espaço de liberdade e rebeldia e o seu cenário passa a ser marcado por um tipo de sociabilidade noturna transgressora das normas impostas pela ditadura. O Baixo representava, portanto, o refúgio dos loucos, daqueles que, segundo eles próprios, não se alinhavam ao moralismo da época.

A presença massiva de artistas e intelectuais no Baixo Leblon é evidenciada na Figura 8, com a Nuvem de *tags* sobre o público. Apesar de a maior palavra ser “Traficantes”, em decorrência da associação ao tráfico de drogas já discutida acima, as palavras “Artistas” e “Intelectuais” também aparecem em grande destaque. Não apenas isso: os próprios nomes dessas personagens aparecem na imagem. Termos como “jovens”, “juventude”, “boêmios” e “estudantes” destacam a presença desses grupos no Baixo Leblon. Pode-se também observar a presença da palavra “jornalistas”, destacando, como já citado, a constante presença da imprensa, não simplesmente buscando notícias, mas também “participando” do Baixo. Isto evidencia não só a importância desse público, mas também o tipo de jornalismo produzido na época, ainda predominantemente orientado às matérias policiais e ao noticiário das celebridades.

Retomar certos elementos da organização do ambiente interno desses estabelecimentos, sua disposição espacial e os comportamentos associados a eles é essencial para que possamos entender os valores associados a esse espaço. Assim, ao abordar certos aspectos da dimensão física (como as mesas e cadeiras, os alimentos vendidos e os diferentes espaços internos desses ambientes), aliados aos elementos da esfera

comportamental associados a essas formas (como a circulação, o tráfico, as formas de sociabilidade desenvolvidas ali), os personagens e etc., tornou-se possível melhor compreender os sentidos e os valores associados ao Baixo Leblon.

Figura 08: Nuvem de tags do Público.



Fonte: Elaboração própria.

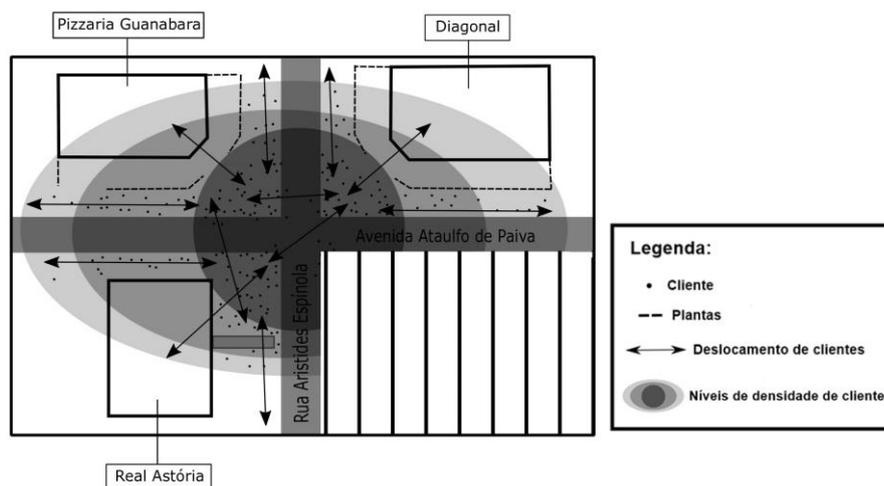
### “A esquina do ridículo”

A festa não ficava somente entre as quatro paredes. O Baixo Leblon não se limitava aos ambientes internos dos bares e dos restaurantes; ele se estendia ao ar livre também, concentrando pessoas e a agitação nas ruas e esquinas do bairro. Fruto das já citadas reformas pelas quais os estabelecimentos passaram na segunda metade da década de 1970, alguns bares e restaurantes contavam com amplas varandas ao ar livre (figura 9). Era um ambiente de transição entre o conforto e a comodidade de dentro do restaurante e a agitação e livre circulação da rua aberta. Repletas de mesas e cadeiras e cobertas por toldos, as varandas eram separadas da rua por plantas e ficavam superlotadas.

A criação de varandas e a extrapolação da sociabilidade para as calçadas é menos comum na história do lazer noturno carioca. As atividades costumavam se vincular mais claramente aos espaços internos, às casas noturnas e salões de dança privados. Mesmo a celebrada vida noturna da Lapa nos anos 1920 era majoritariamente organizada nos espaços internos. O Baixo inaugura um novo cenário e, portanto, uma nova morfologia e comportamentos associados à sociabilidade. Isto nos faz retomar as noções de Da Matta (1986) e de Gomes (2008), nas quais esse lugar situado na transição entre dois ambientes compõe uma forma de associação bastante original. As varandas e as esquinas compõem o

cenário de interação do Baixo. Elas eram ambientes de interação que foram reorientados a partir das reformas no espaço físico, o que ajudou a elaborar, também, novos comportamentos e a expansão da área ocupada pelo público.

**Figura 09:** Esquema da esquina da Avenida Ataufo de Paiva e da Rua Aristides Espínola, denominada na mídia como a “Esquina do Ridículo”.



**Fonte:** Elaboração própria.

Cada vez mais a esquina da Avenida Ataufo de Paiva com a Rua Aristides Espínola se tornava a principal referência de agitação no Baixo Leblon. Os frequentadores dos principais bares e restaurantes do local (Pizzaria Guanabara, Real Astória e Diagonal) também extrapolavam os limites dos estabelecimentos e iam tomar seus chopos na rua, em contato com a freguesia dos outros estabelecimentos. Os públicos se misturavam e todos se tornavam parte de um mesmo ajuntamento social, envolvidos em uma mesma situação de interação. Na esquina as pessoas ficavam acomodadas nas varandas dos restaurantes, sentadas ou de pé, encostadas nos veículos estacionados nas ruas, dividindo o espaço com moradores do bairro e trabalhadores.

Ao analisarmos a Figura 10, podemos perceber como se destaca a associação do Baixo Leblon justamente aos seus bares e restaurantes com a esquina. Eram os grandes pontos de encontro, onde todos se encontravam e se reuniam. As mesas aparecem também com grande destaque, ao ocuparem não apenas espaço interno dos estabelecimentos, mas também as “varandas”. O “balcão” da Pizzaria Guanabara, a “rua” e a “calçada” também aparecem em destaque. A concentração de pessoas nas esquinas do bairro gerava incômodos, especialmente para os vizinhos dos bares e restaurantes, que se queixavam do

trânsito e do barulho gerado pelos frequentadores. Afinal, o Baixo Leblon estava localizado em uma área residencial.

Figura 10: Nuvem de tags das Morfologias.



Fonte: Elaboração própria.

Figura 11: Calçada da Pizzaria Guanabara, densamente ocupada pelos frequentadores do estabelecimento.



Fonte: Jornal do Brasil – 29/10/1983.

A circulação entre os bares e restaurantes era uma marca do Baixo. As escalas nas calçadas lotadas eram frequentes, onde se encontravam diversos amigos e conhecidos. Os jornais diziam que as pessoas se perdiam durante a noite, a ponto de o Baixo Leblon receber o apelido de “Triângulo das Bermudas”. Era feito um percurso durante a noite, sempre seguindo e privilegiando os lugares da moda. Era um rito essencial de sociabilidade. Havia um gosto pelo deslocamento, por essa busca pelos melhores bares, por estar e ser visto em todos os lugares. Esse tipo de comportamento se evidencia na Figura 12, onde a expressão “vaivém” se destaca, justamente representando esses deslocamentos entre os estabelecimentos do Baixo.

Figura 12: Nuvem de tags dos Comportamentos.



Fonte: Elaboração própria.

Ninguém da época, nem frequentadores, nem imprensa, sabia explicar os motivos, como mostram os fragmentos acima. É interessante notar como, ao comparar as duas matérias, a questão do percurso e do “lugar da moda” se evidencia. No primeiro, de dezembro de 1976, o Luna Bar é considerado como um local central, enquanto a matéria de junho de 1979 mostra como este mesmo bar já saiu de moda e está esquecido.

‘Mas o que faz um grupo mudar de bar é um mistério’ — diz ela (Tereza Aragão). O Luna, eu acho que se tornou tão popular porque as pessoas geralmente vão sozinhas e sempre encontram alguém conhecido. Acabam amigas do dono e o lugar fica sendo seu ponto de referência’. [...] — ‘Aqui é assim. Vai-se de bar em bar. É preciso ser um bom náufrago’ (Baixo Leblon – O Entendimento Boêmio, Jornal do Brasil, 05/12/1976).

Os alegres frequentadores do Baixo Leblon continuam em seu delírio ambulatório. Agora por exemplo, depois de o Luna Bar ter “saído de moda”, é a vez de o Diagonal, poucos metros adiante, cair em desgraça.

De uns dias para cá, o pessoal passou-se para a Pizzaria Guanabara, e para tanto tiveram apenas que atravessar a rua. Motivo? Ninguém sabe, nem mesmo os que fizeram a opção – mas o fato é que se podem ver agora grupos esperando a vez diante da (Pizzaria) Guanabara, enquanto o Diagonal, para espanto dos garçons, tem mesa para oferecer a noite inteira. Os habitués da área já estão prevendo para breve o que chamam de “repique”, ou seja, os grupos começarão o percurso de volta, em sua busca do “bar da moda” da ocasião (Mistérios do Baixo Leblon, Jornal O Globo, 24/06/1979).

O Baixo se torna parte da moda associada ao lazer noturno e com isso se cria uma hierarquia de lugares. Lugares em que se deseja ir para ser de alguma forma reconhecido como parte daquele ajuntamento social. A presença das elites cultural, intelectual e artística nesse espaço o torna extremamente atrativo para que pessoas da cidade inteira passem a frequentá-lo. Esses grupos reafirmam o papel do Baixo como um ponto de encontro central para a sociabilidade urbana, delimitado, agora, por uma rede de relações, onde se compartilham os mesmos hábitos, os mesmos códigos e, em certo sentido, uma mesma unidade identitária.

Para o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani, “quando o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebia o nome de ‘pedaço’” (MAGNANI, 2002, p. 19). Como já dito antes, o pedaço “supõe uma referência espacial, a presença regular de seus membros e um código de reconhecimento e comunicação entre eles.” (MAGNANI, 2002, p. 17). É um lugar considerado bom para se estar e para encontrar pessoas que possuem o mesmo conjunto de rituais sociais. Por mais que o pedaço possua a sua base espacial, o seu principal fator de constituição é justamente a rede de relações formada pelos seus frequentadores – no caso do Baixo Leblon, seus *habitués*. Assim, quando esses grupos “elegem” novos lugares, o pedaço muda de lugar. Um novo lugar da moda surge.

A Figura 13 destaca justamente a associação do Baixo Leblon a um lugar da “moda”, sendo representado como esse espaço da “boemia”, onde os boêmios têm seu “ponto de encontro”. Ir aos seus bares e restaurantes se torna uma “obrigação social”, como afirma Hugo Carvana em entrevista (Jornal do Brasil, 05/12/1976). Os jornais e as revistas apresentavam o Baixo como um local folclórico e mitológico, onde tudo acontecia. Era um local de liberdade, com “padrões elásticos”, características extremamente positivas no âmbito de um regime ditatorial com restrições à liberdade. Um espaço do absurdo, que



dos bares e restaurantes – e os ambientes externos – as calçadas do lado de fora dos estabelecimentos – que conformavam a vida social daquele bairro.

No Baixo se desenrolaram dois processos concomitantemente: ao mesmo tempo em que o sucesso do Baixo faz com que ele cada vez mais se torne um centro da vida noturna de parte dos cariocas, ampliando, assim, o número de frequentadores; se observa uma diversificação desse público, com diferenciações de estatutos que se prolongam em uma segmentação também no espaço. Tal preocupação fez com que os proprietários dos bares e restaurantes do Baixo fizessem reformas no espaço físico, ampliando as áreas comuns, como as varandas e criando espaços reservados nas áreas internas. Dessa forma, manteriam a frequência, visto que garantiam a presença do público e a razão daqueles encontros sociais, ao mesmo tempo em que conservam a presença das personalidades da mídia nacional, os quais atraíam parte desse público e dos olhares dos jornalistas da época.

O Baixo Leblon era descrito como uma ilha de liberdade em meio a um contexto político de repressão do regime militar vigente no país. Era um espaço que permitia alguma flexibilização das regras, o que era facilitado pela expressão conjunta de uma insatisfação mais generalizada dos cerceamentos de expressão por parte do público composto pelos artistas. Era um refúgio desses personagens, pois ali, naquele cruzamento de ruas, nas mesas dos restaurantes, eles e elas podiam manifestar suas opiniões e confabular sobre os acontecimentos cotidianos.

O cenário do Baixo Leblon ganha grande visibilidade, de forma que os elementos que o compunham passam a ser associados àquele espaço, como uma marca. O cenário é consolidado e os elementos, como a esquina, os estabelecimentos e a integração entre os ambientes internos e externos, a intensa circulação de clientes, a ocupação dos espaços públicos adjacentes e o ideal de ponto de encontro ficam associados ao Baixo. A associação é tão forte que, quando esse cenário se repetiu em outros espaços, esses passaram também a ser chamados de “Baixo”, em uma referência ao Baixo Leblon. Cria-se assim um modelo.

Ressalta-se, assim, a importância do uso do conceito de cenário (Gomes, 2013) neste artigo e, de forma mais ampla, na ciência geográfica. Ao integrar as diferentes dimensões que constituem o espaço, trabalhar o cenário do Baixo Leblon significou abdicar de um simplismo analítico de uma geografia que se limite à abordagem da sua dimensão física, privilegiando também os comportamentos e os significados associados. Dessa forma, a partir da sua descrição e análise, foi possível compreender como se deu a consolidação

desse cenário na cidade e propor a criação de um modelo de espaços de sociabilidade noturna no Rio de Janeiro. A análise do cenário, portanto, para além de uma forma de investigação do espaço, se apresentou aqui como uma importante ferramenta de integração da ciência geográfica e seus métodos a objetos e temas diversos, como a sociabilidade pública e a vida noturna na cidade.

É relevante notar, por fim, que o ambiente social criado no Baixo se tornou uma referência de um certo tipo de sociabilidade urbana para o carioca, visto que surgem, até hoje, inúmeros centros boêmios com a alcunha de “baixos”. Há nessa expressão um sentido morfológico e moral, associado a um conjunto de espaços construídos e comportamentos sociais. Em boa parte dos casos essa relação é construída a partir de um meio-termo entre mundos muito estereotipados: a casa e a rua, a norma e o “jeitinho”, o público e o privado, o mundano e o íntimo etc. O baixo é um “lugar entre”, um cenário criado para o exercício da sociabilidade, um espaço de descontração, onde os rigores podem ser reduzidos e outros comportamentos podem ganhar visibilidade.

### **Referências Bibliográficas**

ABREU, M.A. **A Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 1987.

DA MATTA, R. **O Que Faz o Brasil, Brasil?** 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

GOMES, P.C.C. “A cultura pública e o espaço”. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. (org.). **Religião, Identidade e Território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, pp. 93-114.

\_\_\_\_\_. “Cenários para a Geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações”. In: CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (org.). **Espaço e Cultura: pluralidade temática**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2008.

\_\_\_\_\_. **O lugar do olhar: Elementos para uma geografia da visibilidade**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. 320 p.

GOFFMAN, E. **Comportamento em Lugares Públicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GÓIS, M.P.F. “**Paisagens Noturnas Cariocas: Formas e práticas da noite na cidade do Rio de Janeiro**”. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 332p. 2015.

\_\_\_\_\_. Espaços Públicos e Vida Noturna. **Revista Geografares**, v. 26, p. 69-85, 2018.

LIMA, R.B. **O Antigo Leblon: uma aldeia encantada**. 4 ed. Rio de Janeiro: Antigo Leblon, 1999. 142 p.

MAGNANI, J.G.C. “De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, pp. 11-29), jun. 2002.

MOTTA, N. “A Esquina do Ridículo”. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 23/03/1978. Cultura, p. 36.

RANGEL M.L. “Baixo Leblon – O Entendimento Boêmio”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 05/12/1976. Domingo, p. 17-19.

SEM IDENTIFICAÇÃO. “Buracos na rua, assaltos, trânsito engarrafado...”. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 13/08/1978. Rio, p.20.

SEM IDENTIFICAÇÃO. “Compras de Natal”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, xx/11/1977. Sem informação, sem informação.

SEM IDENTIFICAÇÃO. “Livros & autores”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 27/10/1979. Caderno B, sem informação.

SEM IDENTIFICAÇÃO. “Polícia prende traficante que vendia cocaína a jovens no chamado “Baixo Leblon”. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 24/01/1979. Primeiro Caderno, p. 22.

SOUZA, A.F. **Lapa: um lugar central para a sociabilidade noturna**. 2014. 208 p. Dissertação de Mestrado em Geografia – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SWANN, C. “Mistérios do Baixo Leblon”. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 24/06/1979. O País, p. 4.

\_\_\_\_\_. “O medo na vitrina”. **Jornal O Globo**, Rio de Janeiro, 27/11/1979. O País, p. 10

TORRES, L.L. “Programa de Paulista: lazer no Bexiga e na Avenida Paulista com a Rua da Consolação”. In: MAGNANI, J.G.C.; TORRES, L.L. (Org.) **Na metrópole: textos da antropologia urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000.

ZAPPA, C. “Pizzaria Guanabara Leblon”. **Veja RIO**, Rio de Janeiro, 07/2018. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/estabelecimento/pizzaria-guanabara-3/>>. Acesso em: 18/03/2019.